



As Tecnologias Móveis de Comunicação e as Apropriações Pelos ‘Repórteres de Ocasão’: Novas Dinâmicas Emergentes nos Espaços Públicos ¹

Grace Kelly Bender AZAMBUJA²

Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), São Leopoldo, RS

RESUMO

Importante instrumento no registro de material inusitado e também jornalístico, os celulares inauguram a possibilidade de manter o contato visual perpétuo (Kondor, 2007). Até então, desde simples flagratos do cotidiano até os atentados aos metrô londrinos seriam de difícil captura *in loquo*. Casos mais recentes como o conflito na Faixa de Gaza e os protestos no Irã também não teriam a visibilidade global alcançada se não fosse a constante participação dos ‘Repórteres de Ocasão’ (Rebello, 2006), com o envio de material informativo direto para a rede. Com a crescente popularização destes dispositivos tecnológicos e a transmissão através das redes telemáticas móveis, urge a necessidade de se pensar as dinâmicas que emergem entre a grande mídia e os sujeitos em relação aos espaços públicos na sociedade contemporânea.

PALAVRAS-CHAVE: tecnologias móveis de comunicação; repórteres de ocasião; celular; jornalismo; grande mídia

INTRODUÇÃO

A revolução da informática e a introdução da mobilidade nas redes telemáticas, permitindo o acesso simultâneo ao ciberespaço e transformando o espaço público em verdadeiras zonas de intersecção entre o espaço virtual e o espaço urbano, têm modificado a experiência social do espaço e tempo na sociedade contemporânea. As barreiras entre emissores e receptores de informação tornam-se cada vez mais tênues e esta dinâmica se reflete também nas próprias práticas jornalísticas e nos sistemas de colaboração na produção de informação.

A transformação rápida destes aparelhos em dispositivos cada vez mais ubíquos e nômades e a sofisticação tecnológica de gerações de telefonia móvel que permitem o acesso/difusão de dados e conteúdo multimídia, tem possibilitado o alcance a lugares e circunstâncias nas quais câmeras e repórteres dificilmente chegariam. Tratam-se, pois,

¹ Trabalho apresentado no GP Conteúdos Digitais e Convergências Tecnológicas, IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), email: gracekba@gmail.com



de características que impulsionam “transformações nas práticas sociais, na vivência do espaço urbano e na forma de produzir e consumir informação” (Lemos, 2005).

Em especial o telefone celular, munido com câmeras digitais fotográficas e vídeo, é importante instrumento no registro de material inusitado e de alto teor jornalístico, sobretudo por ser discreto e pela sua crescente popularização. Esse dispositivo inaugura uma nova possibilidade: a de manter o contato visual perpétuo (Kondor, 2007). Até então, desde simples flagras do cotidiano até os atentados aos metrô londrinos em julho de 2005, seriam de difícil captura *in loquo* e no exato momento de sua ocorrência.

Casos mais recentes como o conflito na Faixa de Gaza e os protestos no Irã também não teriam a visibilidade global alcançada se não fosse a constante participação de testemunhas, ‘Repórteres de Ocasão’ (Rebelo, 2006), com o envio de material informativo direto para a rede. Por isto, o grande diferencial desses dispositivos concentra-se também na tamanha rapidez com que a informação se espalha, alcançando milhões de pessoas em todo o mundo em questão de instantes através do ciberespaço. Com o desenvolvimento e a disseminação de novos aparatos tecnológicos de registro de som, imagem e texto e a transmissão mediante ondas eletromagnéticas e redes telemáticas móveis, urge a necessidade de se pensar as dinâmicas que emergem com as novas práticas comunicacionais exercidas pelos sujeitos em relação aos espaços públicos na sociedade contemporânea e a grande mídia.

O CIBERESPAÇO COMO NOVO LUGAR DE FLUXOS

Novos paradigmas têm se apresentado em diversas esferas da sociedade, seja na comunicação, nos espaços sociais, nas interações pessoais ou no mercado econômico e político desde o início deste século. As cidades contemporâneas e suas dinâmicas sociais tendem a se reorganizar em função da convergência das novas tecnologias da comunicação, a conexão generalizada e a introdução da mobilidade digital. A revolução atual das comunicações, na qual o ciberespaço tem seu lugar como a manifestação mais importante, possibilita não apenas o acesso a um número cada vez maior de informações, mas também o envio destas informações. Nas palavras de Pierre Lévy, seria “a conexão da humanidade consigo mesmo” (1999, p. 204).

Estas são as ferramentas chaves no processo de reestruturação das cidades contemporâneas em verdadeiras cidades digitais em que

os processos midiáticos que lhe são correlatos e estruturantes, como o jornalismo e depois as mídias audiovisuais, são desde sempre fluxo, troca, deslocamento, desenraizamento e desterritorializações (das relações sociais, das informações e dos territórios) (Lemos, 2007a, p. 122).

Aqui se configura o que Castells (2005) propõe como espaço de fluxos, em contraposição ao espaço de lugares. Os locais agora são alcançados em grau cada vez mais rápido: as barreiras espaciais ‘suprimidas’ progressivamente num tempo instantâneo de troca de informação. E serão as tecnologias móveis convergentes e as conexões sem fio os agentes principais intensificadores desse processo que Virílio denomina de “efeito de encolhimento” (1996), sem, no entanto que haja uma abolição definitiva da significação do espaço e do tempo como McLuhan³ (1999) preconizava.

Uma vez que não fazemos nada mais do que pensar as dimensões que o olho é incapaz de ver, que o espaço e o tempo são para nós nada mais do que intuições, as ferramentas de percepção e de comunicação poderão realizar esse paradoxo das aparências que consiste em comprimir a dimensão do universo em um perpétuo efeito de encolhimento (Virílio, 1996, p. 42).

Observam-se, pois, diversos setores da sociedade impactados frente à necessidade de se adaptarem a estas mudanças, entre elas, a própria maneira de se produzir e consumir produtos jornalísticos. Sendo o espaço e o tempo as principais dimensões materiais da vida humana e se, numa relação dialógica, o espaço organiza e determina o tempo na sociedade em rede (Castells, 2005), é necessário pensar a construção do ciberespaço como novo lugar de fluxos para entender o impacto na comunicação da mobilidade nas redes telemáticas.

O advento do ciberespaço, entendido aqui como espaço virtual que faz uso de meios de comunicação como a Internet para troca de informação e também como suporte de memória da humanidade (Lévy, 1999, p. 93), ou ainda, um “conjunto de informações codificadas binariamente que transita em circuitos digitais e redes de transmissão” (Fragoso, 2000), possui papel fundamental quando tratamos de uma era de conexão generalizada propiciada pela convergência tecnológica e a informatização das sociedades contemporâneas. Associada ao ciberespaço, a quinta geração de tecnologias comunicacionais “é constituída por uma rede móvel de pessoas e de tecnologias nômades que operam em espaços físicos não contíguos” (Santaealla, 2007, p. 200). É justamente desta interseção entre os espaços físicos e virtuais que as novas práticas de registro da informação se alimentam.

³ Dentro de sua perspectiva determinista tecnológica, McLuhan projetava que a implosão do mundo, através dos meios de comunicação de massa, aboliria o espaço e o tempo como construções significativas.



Não há ainda uma terminologia para este novo espaço que dê conta das especificidades do objeto em questão. Mas algumas já se aproximam: os espaços híbridos (Souza e Silva, 2004) que são espaços sociais, criados pela mobilidade de usuários em espaços públicos (físico) ao carregarem aparelhos portáteis constantemente conectados à Internet (realidade virtual) e a outros usuários; espaços intersticiais (Santaella, 2007), que somam a esta mescla entre espaços físicos e digitais as realidades virtual, aumentada e mista; e os territórios informacionais (Lemos, 2007b), que são verdadeiras zonas de acesso e controle da informação digital.

MOBILIDADE E ALTERNATIVAS NA OBTENÇÃO DE MATERIAL INFORMATIVO

Pode-se dizer que os celulares não são inteiramente aparelhos ubíquos. No entanto estão se tornando cada vez mais ubíquos pela sua onipresença, na medida em que se disseminam nos mais variados ambientes e o seu uso passa a ser natural (pervasivo) ao assumir características de invisibilidade (Weiser, 1991). Nesse caso, as tecnologias digitais têm servido como motivadoras ou mesmo potencializadoras de uma maior interferência popular no processo jornalístico. Estes dispositivos móveis tecnológicos de comunicação também podem ser considerados nômades na medida em que garantem a mobilidade para além dos limites impostos por uma rede fixa. Suas principais características (Lyytinen e Yoo, 2001) residem na mobilidade, convergência digital e disseminação em larga escala.

Todas estas características juntas articuladas têm resultado no surgimento de outras práticas comunicacionais na cena urbana sendo que o jornalismo contemporâneo encontra nestas usabilidades um meio alternativo de se obter material informativo e potencialmente noticioso que antes dificilmente teria acesso. A apropriação destes meios possibilita que qualquer um, que não apenas o profissional de jornalismo, faça parte dos processos jornalísticos ao testemunhar um fato relevante.

Através de um computador portátil ou, o que é ainda mais extraordinário, através de um simples telemóvel, qualquer pessoa poderá então aceder à Internet esteja onde estiver, em qualquer ponto dessas cidades: num café, num jardim, na praia...E aceder à Internet não significará apenas capacidade de receber conteúdos. Significará, também, capacidade de emitir conteúdos que, em seguida, circularão, ou pelos tradicionais meios de comunicação de massa ou em rede. Extensão do sujeito, assim conectado com todos os lugares. Recebendo e enviando sinais, de e para todos os lugares (Rebelo, 2006).



O telefone celular oferta a possibilidade de fotografar ou filmar um evento no mesmo ato, acrescentar um texto curto e informativo e imediatamente transmitir o material para sua rede de relacionamento ou mesmo para serviços de jornalismo colaborativo oferecidos pelas empresas jornalísticas. Pode-se dizer que a adoção crescente das tecnologias móveis de comunicação está mudando não apenas a maneira como os usuários recebem informação, mas também a maneira de se fazer jornalismo.

Tendo em vista a apropriação popular destas ferramentas por diversos atores sociais “levando ao estabelecimento de novos padrões de comunicação e trocas informacionais entre os sujeitos” (Mantovani, 2005), diversos jornais têm aberto a colaboração na produção de conteúdo. As redações tendem a ser ampliadas para satisfazer a demanda por oferta informativa do seu público sendo que, este mesmo público, agora, está munido não apenas de computadores pessoais, mas também de telefones celulares e uma rede de telecomunicações cada vez mais sofisticada.

Se uma equipe de cobertura jornalística pode levar algo entre 30 minutos a seis horas para chegar, por exemplo, com uma câmera num local de desdobramento de algum evento, em apenas alguns minutos também pode receber e difundir conteúdo amador direto deste mesmo local a partir de um dispositivo móvel. Observa-se agora um novo movimento estratégico de apropriação do material gerado por não-jornalistas. Firmino da Silva (2007) salienta duas vertentes através das quais o jornalismo móvel⁴ emerge: de dentro das próprias estruturas da mídia convencional e por parte de sujeitos amadores que se apropriam das ferramentas móveis, em especial os celulares, para produção e publicação de material dos mais diversos tipos, inclusive também com características jornalísticas.

A popularização e a sofisticação de aparatos tecnológicos, bem como a capacidade de domínio de suas funcionalidades e serviços, têm possibilitado com que o receptor, cada vez mais, se aproxime das mesmas condições técnicas de produção e publicação dos profissionais. Surge então um jornalismo feito por transeuntes, anônimos ou não, funcionando numa estrutura que Costa chama de ‘nuvem de informação’: “os fatos estarão em permanente estado de latência para se transformar em notícia” (2003).

⁴ Uso de equipamentos móveis (celulares, smartphones, notebooks, etc.) com conexão sem fio (3G, WI-FI, Bluetooth, GPRS, etc.) para a produção de conteúdo jornalístico direto do local de acontecimento de determinado evento.



Este material pode ser produzido tanto para as mídias independentes que utilizam o modelo open source⁵ na elaboração do conteúdo noticioso quanto para as próprias empresas convencionais em projetos de jornalismo participativo (*EU-repórter da globo.com, Foto-repórter do Estadão*, entre outros). Neste caso, estes projetos são frutos de uma estratégia da grande mídia, na qual o autor cede seus direitos sobre o material enviado, para aproveitar conteúdos (texto, foto e vídeo) elaborados em situações inusitadas e que provavelmente não haverá um repórter realizando cobertura (Silva, 2007). São geralmente situações de flagras do cotidiano, como acidentes.

Em casos de emergência estudos realizados por Cohen e Lemish citados por Schneider (2007), sobre o uso de celulares em situações de emergência em Israel, demonstram que as pessoas tendem a utilizar telefones móveis com maior frequência por motivos de segurança. Isto pode implicar, na dedução de Schneider, que se qualquer um pode vir a ser um repórter de eventos na posse de um celular, a natureza dos eventos reportados serão geralmente mais aqueles não esperados do que os da vida ordinária.

TESTEMUNHAS NA CONSTRUÇÃO DA INFORMAÇÃO JORNALÍSTICA: OS ‘REPÓRTERES DE OCASIÃO’

Por facilitar o registro e divulgação de fatos no mesmo momento da ocorrência, estes dispositivos móveis de comunicação possibilitam que as empresas jornalísticas contem "com a pulverização de fontes de imagens e informações, mesmo onde não haja qualquer jornalista ou repórter-fotográfico." (Primo e Träsel, 2006). Bons exemplos desta ampliação das grandes coberturas jornalísticas foram o tsunami no sudeste asiático - as primeiras imagens foram capturadas pelo celular de um turista; o furacão Katrina - as primeiras imagens foram capturadas pelo celular de habitantes das regiões atingidas; e o atentado ao metrô de Londres - as primeiras imagens foram capturadas pelo celular de um passageiro.

Estas testemunhas estavam lá, no momento exato do acontecimento. Já não são mais ‘fotógrafos de ocasião’⁶, limitados apenas a fotografar a família ou grupos mais próximos. Estes portadores de celulares que encontramos no metrô de Londres ou de férias no sudeste asiático são hoje verdadeiros ‘repórteres de ocasião’: “...é o ‘fotógrafo

⁵ O modelo open source é baseado no sistema colaborativo e de publicação aberta a todas as pessoas. “No jornalismo open source, o sujeito que lê é o mesmo que escreve as notícias, compartilhando responsabilidades e tendo no envolvimento pessoal sua principal moeda de troca” (Brambilla, 2005, p.6)

⁶ Termo designado por André Gunthert (1999), durante sua tese de análise da gênese e desenvolvimento da fotografia instantânea.



de ocasião' contemporâneo.(...) Dirigi-se ao Universo tomado em sua globalidade. Em vez de preencher álbuns de família intervém no campo dos *media*.” (Rebelo, 2006).

Os atentados aos metrô de Londres, em 2005, ilustram muito bem este papel de 'repórter de ocasião' desempenhado por um passageiro. Na manhã do dia 07 de julho, a capital inglesa foi alvo de uma série de explosões em seu sistema público de transporte. Ao todo quatro bombas atingiram três trens e um ônibus no centro da cidade. Quando as redações foram informadas das explosões, ainda que tivessem enviado seus profissionais ao local o mais rápido possível, os túneis do metrô londrino já estavam bloqueados pela polícia britânica e tudo que puderam registrar com suas lentes eram as vítimas do lado de fora sendo resgatadas.

Enquanto a maioria das grandes redes de informação noticiava com extrema cautela os ataques, por alegadas razões de segurança e para evitar o pânico, internautas disponibilizavam, através de suas câmeras, em Blogs e Fotologs, uma grande quantidade de dados e imagens, fornecendo, on-line e em tempo real, um detalhado panorama de suas experiências e dos acontecimentos, diretamente dos locais dos atentados. Milhões de pessoas, espalhadas pelo mundo, recorriam àqueles sites em busca de informações que não estavam circulando pelos canais noticiosos tradicionais, que minimizavam e até ocultavam fatos (Palacios e Munhoz, 2007, p. 67).

As principais imagens surgiram de dentro do próprio metrô, produzidas pelas próprias vítimas que, com seus telefones celulares capacitados com câmera digital, registraram a tragédia em primeira mão no próprio ato do acontecimento. Para as principais cadeias britânicas de comunicação, a cobertura realizada pelas pessoas que se encontrava nas áreas afetadas foi a alternativa exclusiva. Na televisão, os canais noticiosos *BBC*, *CNN* e *Sky News* passaram a transmitir cenas escuras de baixa qualidade e curta duração produzidas pelos próprios transeuntes sob a legenda *mobile phone image*.

Também através dos *moblogs*⁷ inúmeras imagens em primeira mão do atentado logo se alastraram pela web. A primeira e principal delas, uma das mais reproduzidas, foi enviada diretamente do local, perto da estação *King's Cross*, pelo londrino Adam Stacey. No dia seguinte esta mesma foto estava estampada nos principais jornais de todo mundo e mais tarde seria eleita uma das melhores do ano pela revista *Time* (2005). A *BBC News* foi uma das principais empresas a solicitar o envio de material, relatos e fotos dos leitores sobre a tragédia. Vicky Taylor, editor do setor de interatividade dos sites da *BBC News* definiu a posição do jornal ao afirmar que “o que estamos fazendo é

⁷ Blogs atualizáveis por telefonia móvel.



juntar material que jamais poderíamos conseguir a não ser que nosso repórter, por acaso, se encontrasse no meio da situação” (Associated Press, 2005).

Mais recentemente, a guerra deflagrada por Israel contra o grupo radical palestino Hamas, em janeiro de 2009, junto com as eleições no Irã, tem sido um bom exemplo de como a mídia tradicional vem contornando a difícil cobertura na Faixa de Gaza. A proibição aos jornalistas estrangeiros de acesso à região onde ocorre o conflito não teve o efeito de isolamento supostamente desejado por Israel por um único motivo: os residentes dos 360 quilômetros quadrados de extensão da Faixa de Gaza e a publicação de vídeos e fotos dos ataques em serviços online. Entre as principais ferramentas comunicacionais utilizadas pelos moradores se destacam o *twitter*⁸, o *youtube*⁹ e os telefones celulares. A associação *Allvoices.com*, por exemplo, criou a página *The Events in Gaza* (2009) possibilitando a publicação de textos, fotos e vídeos via telefone celular por pessoas que estejam no local.

Os protestos no Irã também motivaram a criação de outras formas de visibilidade global para as manifestações contra a reeleição de Ahmadinejad, em junho de 2009. No vazio de notícias causado pela censura do governo à mídia estrangeira, fotos e vídeos amadores produzidos por testemunhas se tornaram as únicas fontes factuais de informação para os sites de grandes veículos como o *New York Times*, *Atlantic magazine*, *Huffington Post* e o *Guardian*. O símbolo do protesto, as imagens de uma jovem iraniana chamada Neda sangrando até a morte, foram capturadas por duas pessoas com câmeras de celulares e postadas no *youtube* (CNN, 2009).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar a mobilidade como propiciadora de outros padrões de coleta, produção, disseminação e recepção da informação, é também confrontar a situação atual da grande mídia que, segundo Castells, se trata de “um sistema de comunicação de mão-única” (1999, p. 359). Em um primeiro momento, as tecnologias móveis aliadas à participação de sujeitos na construção da informação jornalística parece romper com o clássico fluxo de informação emissor-receptor, explorando os recursos potenciais de interatividade entre os dois elementos do processo de comunicação em sua plenitude, aproximando-se cada vez mais com a comunicação real.

⁸ Rede social com postagem microblogging em até 140 caracteres.

⁹ Site para carregar e compartilhar vídeos.



Quando isso ocorre, os papéis tradicionalmente estabelecidos tendem a se diluir, complexificando as relações entre emissor e receptor, tornando a fronteira entre essas duas variáveis cada vez mais tênue. Neste sentido, a popularidade e onipresença dos aparelhos móveis como celulares agem de forma intensificadora deste fenômeno. Nas mãos de transeuntes, indivíduos nômades, o celular desempenha um papel estratégico para a grande mídia que se apropria do material gerado pelo receptor, agora também emissor. O poder de flagra contido nas imagens do dia 07 de julho é algo de exclusividade nômade capturada pelos celulares com câmeras digitais. Jamais poderiam ser obtidos pela mídia convencional, a não ser que um repórter por acaso estivesse no local dos atentados.

Em acontecimentos como o acima citado, as qualidades gráficas das imagens foram postas em um segundo plano dado o *timing* com que chegou aos olhos do mundo e o flagra nela contido. O mesmo ocorre nos casos do conflito na Faixa de Gaza e os protestos no Irã. Impedida de realizar cobertura, a mídia internacional não teve outro modo de obter informação e conteúdo se não mediante a colaboração por celulares e outras ferramentas tecnológicas.

A produção participativa e o jornalismo móvel revelam novas possibilidades estratégicas para a rede informativa dos jornais, conceito cunhado por Tuchman (1983), para explicar como as empresas jornalísticas tentam impor ordem no espaço dentro dos seus processos produtivos. Face às imprevisibilidades, os meios de informação dividem, então, o mundo em áreas de responsabilidade territorial, ou seja, questões concernentes ao deslocamento dos repórteres e a localização do acontecimento. É neste momento que emerge o potencial do aparelho de telefone celular portado pelas pessoas no espaço urbano. Desta maneira as empresas de jornalismo conseguem um domínio ainda maior na cobertura dos eventos a partir do momento em que estes cidadãos passam a estar conectados, direta ou indiretamente, a esta rede informativa, como no caso da *BBC News* e a solicitação de imagens e relatos do atentado. Ou mesmo o *New York Times* e o *Guardian* em busca de material na cobertura dos acontecimentos no Irã.

REFERÊNCIAS

ALLVOICES.COM. The Events in Gaza. Disponível em: <<http://www.allvoices.com/contributed-news/2122268-the-events-in-gaza>>. Acesso em: 23 maio 2009.



ASSOCIATED PRESS. Once again, digital cameras bring drama home. **Msnbc**, 2005. Disponível em: <<http://www.msnbc.msn.com/id/8502558/>>. Acesso em: 17 de nov. 2007.

BRAMBILLA, A. M. **A reconfiguração do jornalismo através do modelo open source**. Sessões do imaginário, Porto Alegre, n. 13, set. 2005. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/famecos/article/view/867/654>>. Acesso em: 10 nov. 2008.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. A era da informação: economia, sociedade e cultura. 8. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005. 698 p.

CNN. Death Of Neda Video Becomes Symbol of Iranian Protests. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=yjBKHkoDgCM>>. Acesso em: 02 jul. 2009.

COSTA, L. M. Vem aí a nuvem da imprensa móvel. **Observatório da imprensa**, 2003. Disponível em: <<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/sai260820031.htm>>. Acesso em: 19 nov. 2008.

FRAGOSO, S. Espaço, Ciberespaço, Hiperespaço. **Textos de Comunicação e Cultura**, n. 42, UFBA, 2000, p. 105-113. Disponível em: <<http://www.midiasdigitais.org/2000/01/espaco-ciberespaco-hiperespaco/>>. Acesso em: 18 set. 2008.

GUNTHER, A. **La Conquête de L'instantané**. Archéologie de l'imaginaire photographique en France (1841-1895). 1999. 373 f. Tese (Doutorado em História da Arte) – École des hautes études en sciences sociales (EHESS), França. Disponível em: <<http://www.lhvic.org/info/recherches/la-conquete-de-linstantane>>. Acesso em: 13 jul. 2009.

KONDOR, Z. The Mobile Image: Experience on the Move. In: NYÍRI, K. (ed.). **Mobile Studies: Paradigms and Perspectives**. Vienna: Passagen Verlag, 2007. p. 25-33.

LEMOS, A. Cibercultura e mobilidade: A era da conexão. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 28., 2005, Salvador. **Anais...** Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R1465-1.pdf>>. Acesso em: 03 nov. 2008.

_____. Cidade e Mobilidade. Telefones Celulares, Funções pós-massivas e territórios informacionais. **Matrizes**, n. 1, p. 121-138, 2007a. Disponível em: <<http://revcom.portcom.intercom.org.br/index.php/MATRIZES/article/viewDownloadInterstitial/3993/3749>>. Acesso em: 06 de nov. 2008.

_____. Mídia locativa e territórios informacionais. **Carnet de Notes**, 2007b. Disponível em: <http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrememos/midia_locativa.pdf>. Acesso em: 06 de nov. 2008.

LÉVY, P. A Revolução contemporânea em matéria de comunicação. In: MARTINS, F. M, SILVA, J. M. da (Orgs.). **Para navegar no século XXI**. Porto Alegre: Sulina, 1999. p. 195-216.



LYYTINEN, K.; YOO, Y. The Next Wave of Nomadic Computing: A Research Agenda for Information Systems Research. **Sprouts: Working Papers on Information Systems**, Case Western Reserve University, USA, 2001. Disponível em: <<http://sprouts.aisnet.org/221/1/010301.pdf>>. Acesso em: 29 out. 2008.

MANTOVANI, C. Telefonia Celular: Informação e Comunicação em Novo Espaço de Fluxos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 28., 2005, Rio de Janeiro. **Anais...** Disponível em: <<http://reposcom.portcom.intercom.org.br/bitstream/1904/16845/1/R2607-1.pdf>>. Acesso em: 17 nov. 2008.

MCLUHAN, M. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. 11. ed. São Paulo: Cultrix, 1999. 407p

PALACIOS, M.; MUNHOZ, P. Fotografia, blogs e jornalismo na Internet: oposições, apropriações e simbioses. In: Barbosa, S. (Org.). **O jornalismo digital de terceira geração**. Covilhã: Labcom, 2007, p. 57-77.

PRIMO, A ; TRÄSEL, M. Webjornalismo participativo e a produção aberta de notícias. **Contracampo** (UFF), v. 14, p. 37-56, 2006.

REBELO, J. Prolegómenos à Narrativa Mediática do Acontecimento. **Trajetos** - Revista de Comunicação, Cultura e Educação, Lisboa, n. 8-9, p. 17-27, 2006.

SANTAELLA, L. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007.

SCHNEIDER, H. The Reporting Mobile: A new platform for citizen media. In: NYÍRI, Kristtóf (ed.). **Mobile Studies: Paradigms and Perspectives**. Vienna: Passagen Verlag, 2007. p. 159-167.

SILVA, F. F. da. Tecnologias móveis na produção jornalística: do circuito alternativo ao mainstream. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 5., 2007, Aracaju. **Anais...** Disponível em: <<http://fernando.milanni.googlepages.com/FernandoFirminodaSilvaTecnologiasMve.pdf>>. Acesso em: 17 out. 2008.

SOUZA E SILVA, A. de. **Interfaces móveis de comunicação e subjetividade contemporânea**: de ambientes de multiusuários como espaços (virtuais) a espaços (híbridos) como ambientes de multiusuários. 2004. 394 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.souzaesilva.com/Tese_Souza eSilva161004.pdf>. Acesso em: 21 out. 2008.

TIME. **The Best Photos of the Year 2005**. 2005. Disponível em: <<http://www.time.com/time/yip/2005/>>. Acesso em: 17 de Nov. 2007.

TUCHMAN, G. **La producción de la noticia**. Estudio sobre la construcción de la realidad. Barcelona: G.G. Mass Media, 1983.



VIRÍLIO, P. **A arte do motor**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996. 134p

WEISER, M. The Computer for the 21st Century. **Xerox Palo Alto Research Center**. 1991. Disponível em: <http://www.media.mit.edu/resenv/classes/MAS961/readings/weiser_reprint.pdf>. Acesso em: 29 out 2008.